

ATIVIDADE, LINGUAGEM E TRABALHO: OPOSIÇÕES CONCEITUAIS NA TEORIA DA ATIVIDADE

CARLA MACEDO MARTINS
(Doutora em Lingüística – UFRJ)

ABSTRACT

This paper examines, in the textual production of the so-called Activity Theory (from Charles Goodwin, Yrjö Engeström, Reijo Miettinen e Michael Cole), the theoretical and methodological dispute between marxism and postmodern trends, concerning the notions of activity, language and labour. The paper analyses polyphonic and discursive-ideological effects in the mentioned production, pointing out an attempt to sweep marxism away from Vigotski, Luria e Leontev. Also, the paper discusses the consequences to language and labour studies.

Keywords: language, labour studies, activity theory.

INTRODUÇÃO

No âmbito dos estudos sobre linguagem e trabalho, as noções de “atividade” e “ação” vêm sendo incorporadas como centrais, seja como termos descritivos, pré-teóricos e globalizantes, oriundos da ergonomia (Lacoste, 1998), seja como categorias analíticas, recuperadas pelo campo da lingüística aplicada à investigação da linguagem em contextos institucionais (Moita Lopes, 1996).

Em confluência temática com estas preocupações, identifica-se a chamada Teoria da Atividade. A Teoria da Atividade se auto-define como uma linha de teorização e pesquisa iniciada pela escola cultural-histórica da psicologia soviética de L.S. Vigotski, A. R. Leontev, and A. R. Luria, nas décadas de 20 e 30 do século passado, mas reformulada por pesquisadores ocidentais e também soviéticos. Entre as temáticas relevantes, são elencados o ensino, a interação homem-computador, as teorias sobre as práticas de trabalho, a cognição distribuída e a psicologia sociocultural. Ou seja, a Teoria da Atividade se propõe a desenvolver e incorporar novos tópicos além do desenvolvimento infantil, como as atividades de trabalho e a implementação de novas ferramentas culturais (como computadores) (Engeström, Miettinen e Punamäki, 1999).

Esta teoria se insere em uma tradição de estudos sobre as práticas concretas de trabalho, que vem, desde a década de 80, construindo uma produção textual e agregando um corpo de pesquisadores, como Jean Lave, Seth Chaiklin, Susan Star, Lucy Suchman, Edwin Hutchins, Charles Goodwin, Marjorie Harness Goodwin, Yrjö Engeström, Reijo Miettinen e Michael Cole, entre outros. Além do pensamento da escola soviética de psicologia, de matriz marxista, esta teoria busca abarcar outras correntes teóricas, como o pragmatismo

anglo-saxão e a etnometodologia, correntes que, em alguns textos, colocam-se em disputa teórica explícita.

Dado o seu campo de temáticas, a Teoria da Atividade poderia contribuir na construção e na elucidação das noções de atividade e ação, fundamentais para a abordagem da relação linguagem-trabalho. Nas palavras de Souza-e-Silva, um dos desafios do campo da linguagem e trabalho consiste em elaborar um “espaço teórico capaz de articular práticas de linguagem e situações de trabalho”, o que implica “a aceitação da teoria da enunciação, mas exige, necessariamente, dada a natureza do espaço em que se insere, a abertura das teorias lingüísticas a outros campos de investigação” (Souza-e-Silva, 2001:137).

A Teoria da Atividade poderia se constituir, assim, como um destes ‘exteriores teóricos’, dada a interseção de temáticas com o campo da linguagem e trabalho. Esse exterior teórico ganha especial relevo na medida que reúne uma diversidade de abordagens e perspectivas sobre as atividades de trabalho.

O presente artigo tem como objetivo identificar, na Teoria da Atividade, as oposições teórico-metodológicas sobre as noções de linguagem e atividade, a partir da análise da apropriação do pensamento da escola soviética de psicologia por este corpo de estudos. A análise almeja, ainda, descrever como, por essa apropriação, as noções de atividade e linguagem de Vigotski e Leontev são re-significadas, fixando novos sentidos para o pensamento marxista.

Consideramos em nossa análise duas obras de compilação que explicitamente se inscrevem na perspectiva da Teoria da Atividade: a primeira se intitula *Understanding practice: perspectives on activity and context* (1996) e a segunda, *Perspectives on activity theory* (1999). Não elencamos autores em particular, embora as referências sejam indicadas ao longo de nossa análise, já que não é nosso objetivo estabelecer comparações entre as diferentes autorias.

O artigo se organiza em quatro itens. No primeiro, apresentamos os princípios teórico-metodológicos de análise; no segundo, discutimos os efeitos polifônicos na produção textual da Teoria da Atividade, relacionando-os com efeitos discursivo-ideológicos; no terceiro, sistematizamos os efeitos discursivo-ideológicos desta polifonia em termos do estabelecimento de oposições conceituais sobre linguagem e atividade; e, por último, nas considerações finais, tecemos breves comentários sobre a relação entre polifonia, apropriação do pensamento marxista pela pós-modernidade e estudos sobre linguagem e trabalho.

1. PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DE ANÁLISE:

Como princípio teórico-metodológico, tomaremos a noção de discurso como fenômeno dialógica e heterogeneamente constituído. São efeitos de sentido decorrentes do caráter dialógico do discurso a monofonia e a polifonia. Por polifonia, entende-se um certo tipo de texto em que se deixam entrever muitas vozes (Barros, 1999), um tipo de texto que “não é totalmente divisível em réplicas nitidamente delimitadas” (Bakhtin, 1993). A polifonia coloca-se em oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem, fazendo-se ouvir apenas uma voz (Barros, *op.cit.*).

Para captar o diálogo constitutivo do discurso da Teoria da Atividade, nosso primeiro propósito é, portanto, analisar a criação dos efeitos polifônicos nesta produção textual.

A partir desta primeira demarcação teórico-metodológica, assumimos também, dentre as diversas correntes que incorporam e ampliam o pensamento bakhtiniano, a perspectiva de Authier-Revuz (1998). Com referências em Pêcheux e Lacan, além de Bakhtin, a autora se dedica a explorar as formas de representação metaenunciativa das não-coincidências do dizer, por meio da modalização autonímica. Por representação metaenunciativa, a autora compreende o processo em que o signo - em vez de preencher o processo enunciativo, mantendo-se transparente e apagando sua função mediadora - interpõe-se como real, presença, corpo, objeto. Assim, a representação metaenunciativa é aquela em que a enunciação do signo “desdobra-se como um comentário de si mesma” (p.14). A modalização autonímica é exatamente a forma que implica uma atividade linguageira de auto-representação do dizer pelo enunciador; a autonímia é, assim, a via pela qual se coloca em jogo, na representação, a forma significante do dizer – o modo de dizer - e não apenas seu conteúdo.

Questão fundamental para a nossa análise é o fato de que, na proposta de Authier-Revuz, pela negociação obrigatória do enunciador com as não-coincidências do dizer, instaura-se necessariamente a alteridade. Ou seja, quando o enunciador descobre o não-um do sentido no seu dizer, ele pode responder buscando tanto fixar o sentido quanto desdobrá-lo em uma pluralidade, mas, em ambos os casos, colocam-se “o sentido X” e “o sentido não-X”.

Um segundo propósito, contudo, consiste em analisar também os efeitos discursivo-ideológicos desta polifonia. Este propósito impõe que se considere também a relação entre discurso e ideologia, ou seja, entre “o campo da língua (suscetível de ser estudada pela lingüística em sua forma plena) e o campo da sociedade apreendida pela história (nos termos das relações de força e de dominação ideológica)” (Gadet e Hak, 1990:8).

2. EFEITOS POLIFÔNICOS E EFEITOS DISCURSIVO-IDEOLÓGICOS NA TEORIA DA ATIVIDADE

Na Teoria da Atividade, um primeiro efeito discursivo-ideológico da polifonia se encontra no tema “Marx como uma referência teórica”. No segmento 1 abaixo, o locutor estabelece uma interlocução com o enunciado por meio da expressão “não é um exagero dizer”. Observamos, assim, nesse segmento, uma modalização autonímica, indicando, a não coincidência. A modalização se estabelece via denegação, “em que as formas de representação, traços, emergências de não-coincidências fundamentais aparecem ao mesmo tempo como máscaras (...): as não-coincidências são representadas ao mesmo tempo como circunscritas (quer dizer, constituindo, diferencialmente, o resto como UM) e dominadas (por um enunciador em condições de, a partir de sua posição de domínio metaenunciativo, controlar seu dizer)” (Authier-Revuz, *op. cit.*: 191). A suposição do domínio do enunciador do seu dizer, portanto, traz, ao enunciado, um outro, que enuncia a possibilidade de Marx ser referência como um exagero.

Segmento 1:

“Não é um exagero dizer que Marx, nas Teses sobre Feuerbach, foi o primeiro filósofo a explicar o núcleo teórico e metodológico do conceito de atividade” (Engeström e Mietinen, 1999:3)

No segmento 2, a seguir, observa-se também a relação entre efeitos polifônicos e a construção de um sentido para a referência marxista na constituição discursiva da Teoria da Atividade. Nesse segmento, estão entrelaçadas duas vozes, sendo a primeira a citação de Luria – marcado como um seguidor de Marx e Engels – e a segunda a voz do enunciador, graficamente limitada pelos parênteses. Neste caso, ocorre uma modalização do discurso citado, em que o enunciador, embora concorde com a proposição de Luria, menospreza as referências do mesmo (Marx e Engels), instaurando-se, assim, uma representação da não-coincidência do discurso consigo mesmo. Este exterior da citação entra em conflito ideológico com Luria, apesar de não se contrapor ao mesmo, criando exatamente o efeito polifônico. A referência a Aristóteles, Benjamin Franklin e Henri Bergson projeta, ainda, um efeito paródico e irônico, por trazer à enunciação inúmeros sujeitos, de uma diversidade de contextos históricos, contribuindo para o questionamento da relevância do pensamento marxista na definição da noção de atividade.

Segmento 2:

“Seguindo Marx e Engels (assim como Aristóteles, Benjamin Franklin e Henri Bergson, apenas para citar alguns), Luria disse que o uso de ferramentas transforma simultaneamente as condições da existência humana e a estrutura dos processos psicológicos humanos.” (Cole, 1999:89)

Um segundo efeito discursivo-ideológico da polifonia diz respeito ao *status* da linguagem na teoria vigostskiana. No segmento 3 abaixo, ao dizer o que o diálogo não é, o enunciador estabelece no discurso uma alteridade – no caso, este outro é representado por Vigotski, Luria e Leontev. Ou seja, pela denegação, o enunciador constrói Vigotski, Luria e Leontev como produtores das seguintes enunciações: “A atividade no processo de diálogo genuíno é a simples transformação de um interlocutor de acordo com os objetivos e planos de outro”; “A atividade no processo de diálogo genuíno não inclui, ao mesmo tempo, a auto-realização dos participantes”; e “Uma atividade comunicativa bem sucedida não pressupõe levar em consideração a posição e os valores de outros, uma habilidade de olhar para si mesmo desta posição e desenvolver um diálogo interno”. Cabe observar que esta denegação não configura exatamente uma modalização autonômica, na medida que se encontra nos limites do conteúdo da fala, não se dobrando sobre a própria enunciação. De qualquer forma, a denegação cria um efeito polifônico que, por sua vez, produz um efeito discursivo-ideológico: a redução das noções vigostskianas de linguagem e interação social.

Segmento 3:

“A interpretação [da teoria da atividade como uma superação da dicotomia entre fenômeno objetivo e subjetivo] é importante e frutífera para a filosofia e outras ciências humanas e não pode ser abandonada por causa da crítica de certas versões da teoria.

Ao mesmo tempo, no entanto, eu acredito que hoje isto não é suficiente para limitar a abordagem da atividade a estas idéias. Parece-me necessário estudar traços específicos das relações intersubjetivas conectadas com a atividade. Em primeiro lugar, eu estou me referindo ao caráter criativo, não-previsível da comunicação humana, que não pode ser completamente gerenciado e controlado. A atividade no processo de diálogo genuíno não é uma simples transformação de um interlocutor de acordo com os objetivos e planos de outro; esta inclui, ao mesmo tempo, a auto-realização dos participantes. Uma atividade comunicativa bem sucedida pressupõe levar em consideração a posição e os valores de outros, uma habilidade de olhar para si mesmo desta posição e desenvolver um diálogo interno (...) É uma atividade, um processo de mudança, mas não é como os processo de transformar coisas físicas. (Lektorsky, 1999:68)

Um terceiro efeito discursivo-ideológico consiste na sinonímia estabelecida em torno do não-ecletismo teórico. Vejamos como esse efeito discursivo-ideológico se vincula aos efeitos polifônicos, no segmento 4 abaixo. Nesse, ao representar o discurso e os interlocutores atuais como “não-dogmáticos” e “mais acessíveis”, traz-se, à enunciação, um outro discurso e uns outros interlocutores, “dogmáticos” e “menos acessíveis”, referentes a uma outra fase de discussão, a qual não permitia “uma busca multifacetada por conexões e híbridos entre teoria da atividade e outras teorias”. Mais uma vez, a denegação e a polifonia não se configuram como uma modalização autonímica. O efeito ideológico-discursivo desta polifonia é a projeção de uma positividade discursivo-ideológica para o ecletismo teórico.

Segmento 4:

“É importante apontar a natureza não-dogmática da fase atual de discussão e colaboração em relação à teoria da atividade. Um traço proeminente nos capítulos deste livro é sua busca multifacetada por conexões e híbridos entre teoria da atividade e outras tradições relacionadas. (...) Tais paralelos e híbridos tornam as implicações e o potencial da teoria da atividade mais acessíveis em múltiplos campos de pesquisa e práticas sem comprometer a busca por e a elaboração de um núcleo conceitual e metodológico. (Engeström, 1999:20)

Por esses efeitos polifônicos estabelece-se, portanto, na teoria da atividade, uma disputa sobre a centralidade da teoria marxista na própria Teoria da Atividade, sobre a visão restrita de Vigotski, Luria e Leontev em relação à linguagem, e sobre a pertinência do ecletismo na construção da Teoria. Tais disputas instauram, por sua vez, oposições conceituais em torno de noções fundamentais à Teoria da Atividade e ao campo de linguagem e trabalho, oposições analisadas no item a seguir.

3. OPOSIÇÕES CONCEITUAIS NA TEORIA DA ATIVIDADE

Os efeitos discursivo-ideológicos instauram, na constituição discursiva da Teoria da Atividade, dois processos ideológicos: o primeiro é a neutralização de oposições conceituais;

o segundo consiste na fixação ou criação destas mesmas oposições. Ambos os processos partem das resignificações dos conceitos atividade e linguagem, resignificações para as quais os efeitos polifônicos analisados no item anterior contribuem.

O primeiro efeito discursivo-ideológico – a neutralização – pode ser identificado na definição do conceito de atividade. No interior da Teoria, pelo questionamento da relevância do pensamento marxista na definição desse conceito, a categoria marxista de trabalho - o processo de transformação da natureza pela qual o homem transforma a si mesmo e cria relações sociais, ao desenvolver atividades coletivas e utilizar instrumentos – é colocada como sinônimo de qualquer “prática cotidiana”. A equivalência entre a noção de ferramenta de Marx e a de outros teóricos (?), identificada especificamente no segmento 2, também contribui para a dissolução desta oposição conceitual entre a categoria marxista de trabalho e a de “prática cotidiana”, uma noção a-histórica.

Esse processo de neutralização desconsidera que a categoria marxista “trabalho” está na base das noções de Vigotski sobre instrumento, cultura, signos, internalização e linguagem. Todas estas noções referem-se à capacidade de o homem transformar a natureza e, assim, transformar a si mesmo (inclusive internamente, criando mediações internas) e criar determinadas relações com outros homens (Vigotski, 2000). A mesma observação é válida para a obra de Leontev, cuja definição de atividade – e as noções relacionadas de “ação” e “operação” – referem-se exatamente à conceituação de homem com um ser de transformação da natureza através do trabalho coletivo, que, por esta razão, conforma relações sociais (Leontev, 1981).

O segundo processo ideológico – a fixação de oposições conceituais – pode ser identificada em relação à noção de linguagem. As polifonias apontadas especificamente nos dois últimos segmentos produzem uma resignificação do conceito de linguagem mais restrita que a que consta nas obras originais da escola psicológica soviética. A resignificação produzida pela Teoria da Atividade sobre o conceito de atividade coloca Vigotski e Leontev como defensores de uma noção de linguagem que não incorpora as relações sócio-dialógicas, o que não condiz com as definições de atividade, instrumento, cultura, internalização e signo desses dois teóricos.

Embora não caiba, nos limites do presente artigo, nos centrar em uma análise do pensamento da escola soviética de psicologia, destacamos um fragmento textual de Vigotski como indicação de sua perspectiva sobre a linguagem. Em sua clássica análise da linguagem egocêntrica, Vigotski, contrapondo-se a Piaget, observa que esta é “uma forma específica de linguagem, que já se distingue em termos funcionais e estruturais [da linguagem social] e, não obstante, por sua manifestação, ainda não destacou definitivamente da linguagem social em cujo seio esteve sempre se desenvolvendo e amadurecendo” (Vigotski, 2000: 443) (grifo nosso). Portanto, mesmo na análise daquilo que poderia ser considerado uma apropriação ‘meramente’ instrumental do mundo – a linguagem egocêntrica – Vigotski coloca o discurso dialógico como a forma primária de discurso.

O que se observa, portanto, por este segundo processo ideológico, é a reformulação dos referenciais teóricos marxistas, instaurando oposições conceituais que a teoria da psicologia soviética não comportava em sua origem. É importante reiterar que o efeito discursivo-ideológico, neste caso, é o próprio estabelecimento das oposições: na medida

que projeta a teoria de Vigotski e Leontev como restrita, esta necessita, por conseguinte, dos complementos, do ecletismo teórico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, por intermédio dos processos polifônicos da materialidade textual, analisamos os efeitos discursivos e ideológicos que constituem a apropriação do pensamento marxista pela Teoria da Atividade. Esses efeitos produzem três sentidos: o questionamento sobre a centralidade da teoria marxista na constituição da Teoria, a visão restrita de Vigotski, Luria e Leontev em relação à linguagem e a pertinência do ecletismo na construção da Teoria. Mostramos, ainda, que esses efeitos polifônicos e discursivos-ideológicos estão relacionados a uma re-significação das noções de atividade e linguagem de Vigotski e Leontev. Este processo de re-significação consiste em neutralizar diferenças ou em fixar novos sentidos para o pensamento marxista, dissolvendo ou criando oposições conceituais em torno destas duas noções.

A identificação das oposições conceituais na Teoria da Atividade pode oferecer subsídios para que a área linguagem e trabalho elabore suas próprias demarcações teóricas em torno de seus conceitos centrais: linguagem, atividade e trabalho. Neste sentido, é relevante mostrar que a produção científica concreta dos estudos sobre o trabalho encontra-se num fluxo de apropriação do pensamento marxista, fluxo com o qual a área dos estudos lingüísticos sobre o trabalho necessariamente há de dialogar, na busca pelos seus “exteriores”. Ou seja, a apropriação do pensamento marxista pela Teoria da Atividade não constitui um fenômeno isolado, sendo identificada também, por exemplo, no âmbito dos estudos educacionais (Duarte, 2001), o que indica que os processos de constituição do discurso pela Teoria da Atividade podem estar referidos a movimentos ideológicos mais amplos, cuja análise é relevante aos estudos sobre linguagem e trabalho.

Assim, gostaríamos de levantar algumas questões sobre o caráter polifônico da produção textual da Teoria da Atividade e sua relação com a produção científica contemporânea. Nossa análise mostrou que, de forma diferenciada do que Duarte (*op.cit.*) observou na teoria educacional recente, ocorre, na Teoria da Atividade, um processo de apropriação mais polifônico, em que o pensamento marxista efetivamente tem voz, apesar dos efeitos discursivo-ideológicos apontados. Por esta razão, cabe problematizar o significado desta polifonia em termos de formação ideológica, embora, neste caso, não possamos afirmar que estamos diante de uma cacofonia polienunciativa ou uma monofonia cacofônica, como provavelmente ocorre no discurso jornalístico (Brait, 1999).

Inevitável lembrar Eagleton (1997), ao nos apontar que nem sempre a ideologia é um fechamento: na pós-modernidade, a ambigüidade e a indeterminação estão do lado do pensamento dominante, de ojeriza aos rótulos, de anarquia das institucionalidades e, por que não dizer, de flexibilização perniciosa do trabalho.

Qual a instrumentalidade ideológica desta polifonia, portanto? Qual a relação desta polifonia com uma formação discursiva pós-moderna? Ou ainda: em que medida a Teoria da Atividade é mais um microcosmo da tentativa pós-moderna de ecletismo teórico para minimizar diferenças e conflitos acadêmico-ideológicos?

E, por fim, considerando que os efeitos polifônicos e discursivo-ideológicos aqui descritos não constituem fenômeno isolado, como os estudos lingüísticos sobre linguagem e trabalho podem se colocar diante deste contexto?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, J. (1998). *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- BAKHTIN, M. (1993). *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora UNESP, HUCITEC.
- BARROS, D. L. P. de. (1999). Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luis. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- BRAIT, B. (1999). As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luis. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- CHAIKLIN, S. and LAVE, J. (1996). *Understanding practice: perspective on activity and context*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COLE, M. (1999). Cultural psychology: some general principles and a concrete example. In: *Perspectives on activity theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DUARTE, N. (2000). *Vigotski e o "aprender a aprender": crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. Campinas, SP: Autores Associados.
- EAGLETON, T. (1997). *Ideologia*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, Editora Boitempo.
- ENGSTRÖM, Y., MIETTINEN, R. (1996). *Cognition and communication at work*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1999). Introduction. In: *Perspectives on activity theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. e PUNAMÄKI, R.-L. (1999). *Perspectives on activity theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GADET, F. e HAK, T. (1990). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- LACOSTE, M. (1998). Fala, atividade, situação. In: DUARTE, Francisco e FEITOSA, Vera (orgs.). *Linguagem e trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- LEKTORSKY, V. (1999). Activity theory in a new era. In: *Perspectives on activity theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEONTEV, A. (1981). *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Moraes.
- MARX e ENGELS. (1994). *A ideologia alemã*. São Paulo: Moraes.
- MOITA LOPES, L. P. da. (1996). Contextos institucionais em Lingüística Aplicada: novos rumos. *Intercâmbio*, vol. 5: 3-14.
- SOUZA-e-SILVA, M. C. P. de. (2001). Estudos enunciativos: atividades de linguagem em situações de trabalho. In: BRAIT, Beth. *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes, São Paulo: FAPESP.
- VIGOTSKI, L. S. (2000). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.